

## Vozes de uma vida: biografemas de um benzedor

*Anna Cariny Dias de Amorim*<sup>1</sup>  
*Luís Felipe Roriz Stein*<sup>2</sup>  
*Maria Elizabeth Barros de Barros*<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo:** O presente artigo é construído a partir do encontro com a figura de Adão Maximo Moreira, privilegiando traços que deixam marcas, constituindo biografemas – ferramenta que nos orienta na recusa a totalidade linear das biografias e aposta na potência do embolo produzido pelos rastros de memórias, ancestralidade e práticas de uma comunidade tradicional do Reinado. Nele, emerge a casa de Adão como um território de acolhimento, cuidado e transmissão de saberes herdados, especialmente de sua avó Custódia, que lhe legou o ofício de benzedor. Essa herança pluriontológica entrelaça dimensões telúricas, sagradas e cotidianas, inscrevendo-o em uma rede de resistência afrodiáspórica. Suas práticas, marcadas pela reza, pela cozinha e pela partilha, afirmam uma vida em compartilhamento e traduz uma filosofia da ancestralidade que reexiste no presente, abrindo caminhos de luta em contiguidade com a dança, a reza, o canto e a criação de mundos.

**Palavras-chave:** biografema; Reinado; ancestralidade; cuidado; comunidade

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal de São João Del-Rei (PPGAC/UFSJ). É membro da comunidade tradicional do Reinado em Divinópolis, Minas Gerais.

<sup>2</sup> Psicólogo e Psicanalista. Especialização em Saúde Mental: Política, Clínica e Práxis (PUC-MINAS). Mestrando em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGPSI/UFES). Pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Subjetividade e Política (NEPESP).

<sup>3</sup> Psicóloga. Professora titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Institucional e em Educação.

## Voices of a life: biographemes of a healer

**Abstract:** This article is built from the encounter with the figure of Adão Maximo Moreira, highlighting traces that leave marks and constitute biographemes—a tool that guides us in refusing the linear totality of biographies and in affirming the potency of the overflow produced by the vestiges of memory, ancestry, and the practices of a traditional Reinado community. Adão's house emerges as a territory of welcome, care and transmission of inherited knowledge, especially from his grandmother Custódia, who entrusted him with the craft of healing as *benzedor*. This pluriontological heritage interweaves telluric, sacred, and everyday dimensions, inscribing him within a network of Afro-diasporic resistance. His practices, marked by prayer, cooking, sharing affirm a life in common and translate a philosophy of ancestry that re-exists in the present, opening paths of struggle in contiguity with dance, prayer, song, and the creation of worlds.

**Keywords:** biographemes; Reinado; ancestry; care; community.

## Voces de una vida: biografemas de un curandero

**Resumen:** El presente artículo se construye a partir del encuentro con la figura de Adão Maximo Moreira, privilegiando huellas que dejan marcas y constituyen biografemas —herramienta que nos orienta en el rechazo a la totalidad lineal de las biografías y en la apuesta por la potencia del remolino producido por los rastros de memorias, ancestralidad y prácticas de una comunidad tradicional del Reinado. En él, la casa de Adão emerge como un territorio de acogida, cuidado y transmisión de saberes heredados, especialmente de su abuela Custódia, quien le legó el oficio de curandero (*benzedor*). Esta herencia pluriontológica entrelaza dimensiones telúricas, sagradas y cotidianas, inscribiéndolo en una red de resistencia afro-diaspórica. Sus prácticas, marcadas por la oración, la cocina y el compartir, afirman una vida en comunidad y traducen una filosofía de la ancestralidad que re-existe en el presente, abriendo caminos de lucha en continuidad con la danza, la oración, el canto y la creación de mundos.

**Palabras clave:** biografema; Reinado; ancestralidad; cuidado; comunidad

*Voices em documentos, em registros. Vozes dela, de nossa vida escolhida. Vozes de outros, na vida que escolhemos. Vozes daqueles que viram e viveram com a vida por nós escolhida. Vozes de mortos que nos chegam aos ouvidos. Vozes vivas, surdas vozes que atravessam tímpanos como flechas. Vozes de vozes.*  
(COSTA, 2010: 50)

Nesse coro, usamos cordas vocais para costurar a figura do Adão Maximo Moreira — visto que outras vozes, histórias, rezas, narrações e memórias se agitam no seu interior. A partir dessa escuta, a multiplicidade de vozes delinea uma encruzilhada — espaço de acontecimento a partir do encontro. A encruzilhada “é o nó, lugar de decisão, de desafio, luta, de superação das adversidades. De decidir qual caminho seguir” (SANTOS, 2022: 242). Nesse ponto de decisão, o biografema, conceito de Roland Barthes (2005), aparece como um dispositivo de fuga do caminho denotativo, cronológico e linear, próprio das lógicas ocidentais e dos romances que insistem na ilusão retórica da vida com a representação comum da existência início, meio e fim, afastando-se das trocas íntimas e da lógica das confidências (BOURDIEU, 2006).

Aqui, o fiar e desfilar ecos de vozes, trata-se de uma escolha desviante da ilusão biográfica ao desprender-se da intenção de escrever sobre a “história de vida” do Adão. Esta intenção, entendemos, não só é impossível, como é nociva: tentar capturar a totalidade de uma vida é também a captura dos movimentos desejantes, é concretar os vincos de uma vida que nos convoca a produzir com.

Por outro lado, sustentamos o biografema por acreditar que este “faz daquele que lê e escreve uma vida o próprio dramaturgo desta vida. O que ele registra não é a verdade desta vida, mas a verdade de um encontro com esta vida” (COSTA, 2011: 13). É uma aposta, digamos, na potência do encontro pesquisadorxs-traço<sup>4</sup>, carregado com uma “força de expansão” (BARTHES, 2015: 44) capaz de produzir novos mundos, deslocando certos sentidos e acreditando na possibilidade “talvez, [de] enganar a língua e aliar o saber a certo sabor, forjando uma liberdade e um discurso fora do poder e de suas relações” (BARROS e CONDE, 2023: 3).

Assim, uma vez que o “biografema eclode na relação que estabelecemos com aquele sobre o qual escrevemos” (COSTA, 2011: 12), o presente artigo é tecido a partir de signos que orientam pistas sobre as práticas da comunidade do Reinado nos fragmentos que tecem a figura de Adão: “uma perspectiva fragmentária do sujeito [que] procura encontrar elementos-chave-de-vida que ultrapassam a vida do sujeito” (BARROS e CONDE, 2023: 6): elementos estes “cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão” (BARTHES, 2005: 17). Nesse rumo, “o biógrafo traça uma linha ‘pelo menos’ a quatro mãos ‘e a muitos olhos’, enveredando pelos murmúrios ‘*thorubos*’ do Texto. Não esquecendo ‘com Barthes e Deleuze’ que um texto sempre parte. Ele nunca chega” (COSTA, 2010: 59).

Devemos, também, destacar o momento em que surgiu a necessidade de cartografar o Adão, quando a ideia era de seguir na encruzilhada de biografemas. A cartografia (BARROS e KASTRUP, 2020; TEDESCO *et al.*, 2013; BARROS e BARROS, 2013) veio como a lente de uma máquina fotográfica, que capturou os

<sup>4</sup> Com Barthes entendemos que o traço é uma pista, um certo vestígio, pequeno detalhe, o farelo de uma vida... um resto que abre caminhos, convocando a produção de outros sentidos naquele que o encontra.



Benedito, carinhosamente chamado de Ditinho pelo Adão, do qual é muito devoto.

A princípio cada fio tinha um direcionamento relacionado aos cruzamentos da vida de Adão: o vermelho remetia ao pessoal; o amarelo, ao seu sacerdócio de cuidado com o outro – um ofício aprendido e herdado dos seus antepassados –; e o marrom, aos conceitos que nascem com esta encruzilhada.

Mas não tardou para que essa separação fracassasse.

No embolar dos fios, ficou evidente que os caminhos se *coproduzem*. Em outras palavras, não há separação, o que há é uma rede de implicações. Essa encruzilhada cartográfica desenha a interconexão entre os fragmentos que tramam o corpo de Adão: um corpo que é um sistema do entre-mundos presente nos rastros da comunidade afrodiaspórica ao mesmo tempo em que se torna um rastro dela. A partir daí, já pouco importa por onde os fios se atreveram a seguir nesse meio onde não há fim e nem começo. O que nasce está, como a vida, possível de tornar-se um outro. Por onde quer que os olhos caminhem naquela cartografia, pode ser construído outro corpo, outro espaço e outra temporalidade.

A dimensão político-religiosa (SANTOS, 2022) de narrar e experienciar o mundo telúrico em que a ancestralidade é força vital, misteriosa e sábia – permeia não só o olhar de Adão, mas da comunidade que o contorna no Reinado, na família e na herança deixada por seus antepassados.

*Herança de família é assim.  
Nem tudo a gente lembra o tempo todo,  
mas nada disso a gente esquece de verdade.*

Puxados pelo fio das lembranças, no exercício de pensar as confluências que o Adão trazia, fazia-nos com um olhar semelhante ao dele: semicerrado e atento ao que vem. Não de fora, mas de dentro da memória. Isto nos levou a momentos como na cozinha da sua casa – onde todos são recebidos. Nessas horas de prosa, é possível avistá-lo habitando dentro de um silêncio, como quem faz uma viagem no tempo e desfia as “lembranças como uma reza antiga e estranha” (JUNIOR, 2019: 146) para buscar na sua memória, acervo de si e de outros, alguma história.

Por uma vereda benjaminiana, diríamos que Adão sustenta e cultiva a saborosa e escassa arte de contar histórias (BENJAMIN, 2020), devoto da força que essa prática artesã movimenta ao encontrar seus ouvintes: geralmente familiares, amigos e, também, os aflitos, de corpo e de espírito, que buscam lugar de partilha, de cura e de consolo.

Recebidas pelo seu bom grado, a cada dia são pessoas diferentes que vão para benzer, rezar ou compartilhar da sua companhia, servida de café, bolinhos de chuva e biscoitos fritos. Conhecê-lo previamente não é uma condição para ir até sua casa. A casa do Adão é mais do que um lar; é uma rede e território de cuidado próprio de uma casa de mãe, pai, avô ou avô – figuras que personificam o zelo, a proteção e nos remetem diretamente à ancestralidade. Além disso, é também o quartel<sup>8</sup> do Terno de Moçambique. A casa de Adão transcende a individualidade de uma casa convencional e torna-se um lugar para habitar e produzir comunidade; um espaço onde memórias e práticas se fortalecem. Até mesmo nas materialidades que compõem o espaço, há marcas de memória que remetem aos seus pais, que antes moravam ali.

Na primeira vez que entramos em sua casa. Havia nela um ar familiar que nos transportava para a casa de pessoas queridas de nossas famílias. A cozinha, com

<sup>8</sup> Lugar onde se reúnem para abrirem o Terno e iniciarem os trabalhos de Reinado.

telhas aparentes, uma janela que dá vista para o quintal, com árvores, galinhas e patos, e o corredor de plantas próximo à porta de entrada – que, aliás, fica na própria cozinha – remetiam à simplicidade rica de memórias de infância. Essa disposição também remete à arquitetura quilombola, descrita por Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, como sendo a cozinha o espaço mais amplo e de recepção de uma casa (SANTOS, 2023).

A casa do Adão, com sua organização e atmosfera, trama sua tecitura com fios de acolhimento, de memória e de comunidade.

Essa memória, importante focalizar, é também coletiva e vai além da linhagem dos que nasceram dentro da tradição do Reinado. Ressoa marcas de uma classe social: a comunidade afro-brasileira é raiz e fruto dos que construíram a partir do pouco, considerando o aspecto financeiro, material e até simbólico. Apesar disso, comunidades como a do Reinado, sejam elas quilombolas, indígenas ou outras, se organizam a partir de uma sabedoria profundamente ligada à fé, à ancestralidade e ao conhecimento da natureza. Isso fortalece a criação de um território que transcende o espaço físico, para o compartilhamento entre seus pares. Principalmente, no que diz respeito às sabenças e vínculos afetivos que aliançam a comunidade.

Respeito que emerge ao reconhecer que não existe presente e futuro sem que o passado seja preservado. Um passado que resiste, insiste e (re)existe, por ainda transmitir histórias-vida. Nessa trilha, Pavón-Cuéllar (2022: 53), pensando *passado-presente-futuro* entre os povos indígenas mesoamericanos, fornece uma pista valiosa: “a esperança repousa na memória. Os ancestrais dão a seus descendentes a consciência do que são e a força de que precisam para se libertar”

Assim, a produção de alianças e de memórias, juntos, nos espaços de coletividade, apesar do pouco, contribui para a organização da comunidade, neste caso, para a comunidade tradicional de Reinado. De tal forma que a performance em gestos do cotidiano bordam a sua existência, que com muita luta re-existe até hoje.

O cotidiano da casa do Adão, assim como o momento da festa de Reinado e os seus bastidores, são acontecimentos que tecem sentidos e a criação de um território, são pontos de encontro e reencontro com pessoas e memórias. Cheiros e sabores compõem essa história, nos deixando imersos e nos levando para os ambientes onde elas se passam. E, mais ainda, operam como elo organizador e instrutor de uma comunidade reinadeira – neste caso a que compõe a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Bairros Interlagos e Dona Quita, em Divinópolis (MG).

O ato de receber as suas visitas com comidas feitas por ele e, algumas vezes, colhidas do seu próprio quintal é, mais uma vez, um encontro possível com comunidades quilombolas. Como Nêgo Bispo afirma sobre os modos de vida em quilombos: “a comida organiza a festa, organiza a recepção, tudo se organiza em torno da comida. Quando fazemos arquitetura, pensamos na comida e na festa, nas formas compartilhadas de vida” (SANTOS, 2023: 64).

Segundo a Capitã Pedrina de Lourdes Santos (2022), para o reinadeiro ou reinadeira, o alimento servido contempla o corpo e o espírito. Cozinhar é um ritual e deve ser feito com o sentimento e pensamento de bondade, pois o contrário, ao invés de cuidar, adoenta o corpo de quem o consome. Quando alguém chega para rezar ou ser benzido na casa de Adão, entra pela cozinha e é servido por ele, que sempre faz o alimento. O cuidado com o corpo e com o espírito inicia ali, antes de benzer. Esse sacerdócio é herança de seu pai, sua mãe e sua avó. Todos lhe deixaram um tanto de fé, de reza e de sabedoria, inclusive, a de cozinhar, que

também é herança.

Em especial, a avó de Adão, chamada Custódia, que deixou, também, a sua mesa com seus santos, quadros e castiçais. É onde o Adão acende as velas, escuta as dores de quem o procura para rezar e benzer. Geralmente, ele benze com o Rosário de Maria, mas, se preciso, também utiliza plantas. Vó Custódia também benzia e rezava. Tinha e ainda tem muita sabedoria, é conhecedora de muitas rezas que aprendeu ouvindo. Quando era encarnada, a escuta foi a sua professora. Ela não sabia ler, mas quando precisava de uma reza que sabia onde estava escrita, chamava o Adão, ainda menino, para que a lesse em voz alta uma ou duas vezes.

*Vem cá na vó. Tô precisando dos seus olhos.*

No final de, no máximo, duas leituras, Vó Custódia dizia com doçura: “já tá bom, meu filho. Já aprendi”; e Adão, por sua vez, também aprendia. Adão concluiu sua formação profissionalizante e por alguns anos se dedicou ao ofício de técnico em enfermagem. É fato dizer que, dentre todos os seus ofícios, reina o de sacerdócio no cuidado. Dedicou-se no cuidado aos anciãos. Também já percorreu caminhos e atou relações para vender tecidos e costurar. Seguiu os rumos de seu pai, que era açougueiro, e também trabalhou atendendo em frigoríficos. Cercado de ofícios, nunca deixou de exercer o de benzedor e capitão de Reinado no Terno de Moçambique em Divinópolis, Minas Gerais.

Para exercer a maioria deles, o conhecimento vinha de outras instâncias. Não precisava passar apenas por uma sala de aula. A convencional menos ainda. Às vezes, era a cozinha de aula, o quarto de aula, o quintal de aula, a rua de aula. E, para esses lugares de sabenças, sua Vó Custódia era uma de suas professoras. Dentre tantas aulas transmitidas por ela, segue a narrativa tecida na memória do Adão, parafraseada em caderno de bordo durante os encontros na sua casa, sobre o dia em que ele, sua mãe e sua Vó foram até a margem de uma mina onde era possível encontrar a planta chamada Disciplina.

Embora a planta Disciplina tenha diversos fins, a sua raiz, mais especificamente, tem funções espirituais e só pode ser arrancada na sexta-feira da paixão. Sua avó Custódia certificou-se com o Adão se ele já havia preparado a planta; preparado a terra antes de arrancá-la, isto é: pedindo licença, avisado sobre a sua vinda e da sua intenção no uso da raiz. Porém, ao chegar lá, no horário de 12h, havia um conhecido que se interessou em ver a raiz da planta e se propôs a acompanhá-los. Adão, sua mãe e sua avó procuraram a raiz nos arredores com os olhos fitados no chão. Não a encontraram em lugar algum, embora sentissem o seu cheiro exalando exacerbadamente.

Já cansados, despediram-se do companheiro e retornaram para casa, decidindo que seria melhor retomar a busca em outro momento. Passado algum tempo de espera, voltaram para a beira da mina, encontraram a raiz da Disciplina toda pisoteada e calmamente recolheram um pedaço para usá-lo quando fosse necessário. Com muita sabedoria, Dona Custódia comentou que a planta não quis se revelar para o homem que os acompanhava anteriormente e por isso havia se escondido. Quando retornaram sem o curioso, ela se revelou.

Na margem desse caso, encontramos a semente colhida por Adão para seguir com disciplina a sustentação de uma vida dedicada a esse delicado ofício do cuidar. Também é possível adentrar no olhar que Vó Custódia passou para Adão quando o ensinou a viver uma relação diferente com as plantas. Pois, ainda que o Adão tenha nascido e crescido na cidade urbanizada, onde toda a vida não-humana é excluída e só surge graças à força do orgânico (SANTOS, 2023), foi-lhe,

desde cedo, ensinado um outro modo de vida. Um modo de vida comum entre as comunidades tradicionais dos Reinados, mas também entre as comunidades indígenas, comunidades africanas, comunidades quilombolas e outras que ampliam a comunidade para outras existências, como: montanha, pedra, lua, planta, raiz, água, bichos, terra.

Com esse saber – que é parte da filosofia pluriontológica do Reinado, tecida por confluências entre os povos de culto às ancestralidades –, Adão, enquanto meio e parte, é constantemente convidado a compartilhar seus saberes sobre as plantas dentro de universidades, como a UEMG (Universidade Estadual de Minas Gerais) e a UFSJ (Universidade Federal de São João Del-Rei), em Divinópolis, como também em escolas de ensino básico, e dificilmente nega os convites. Quase sempre, conservando-se fora das convencionais salas de aula – onde esse saber não foi apreendido, mas em um tipo de quintal urbano, chamado pátio: uma área de chão acimentado, mas com espaços livres.

Há uma dureza que muitas vezes surge ao tentar germinar ontologias que desviam das rotas da perspectiva hegemônica, muitas vezes, marcada pelo racismo. Ainda assim, essa simbiose de conhecimentos e práticas existe e persiste, ainda que pouco presente nos lugares, ditos formais, de aprendizagem. Mas com aliados, compõem uma roda e constroem cozinhas nesses espaços, como feito na UEMG. É uma cozinha dentro da universidade e, ao mesmo tempo, uma aula que acontece na cozinha – um espaço onde o saber é tecido no cotidiano. Uma cozinha, afinal, assim como uma universidade, também pode ser um território de criação, onde os rituais, as histórias, as práticas e os saberes se encontram, nascem e são consumidos a fim de se transmutarem. Essa costura se assemelha a um olhar trazido pela Capitã Pedrina Santos:

Olhar no olho, compartilhar da comida, viver e ser em comum. Fazer a vida é fazer também conhecimentos e transmiti-los. A transmissão de conhecimento através da oralidade é da tradição africana.[...] Meu coração se emociona e eu fico admirada de ver uma clareza de percepção dessa beleza que intelectuais de diversas formações - reinadeiros ou não – estão alcançando e na abrangência que isso está ganhando em alguns lugares. (SANTOS, 2022: 309)

Essa perspectiva de Pedrina Santos, sobre o compartilhamento e a transmissão de saberes, ressoa ainda com outras elaborações que ampliam nossa compreensão sobre as estratégias de enfrentamento na comunidade a partir da habitação entre-mundos. Ailton Krenak (2020) nos recorda que o mundo vem acabando desde sempre – a invasão europeia nos territórios indígenas e nos africanos foi o fim de vários mundos – mas que é possível se relacionar de outro modo com essa narrativa, ao invés de ser um discurso que nos paralisa, Krenak sugere que devemos tentar empurrar o céu que cai sobre nossas cabeças e seguir na luta. Da mesma forma, Benjamin (2013), notando a interminável luta entre as forças, aconselha ao dizer que o verdadeiro político só faz projetos a prazo, porque reconhece a eterna falta de condições para ser “vitorioso”.

**Figura 2** – Roda de conversa na UEMG como contrapartida de projetos sociais aprovado pelo Fundo Estadual de Cultura – Divinópolis, 2024. Fonte:acervo coletivo – NEPECS e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Bairros Interlagos e Dona Quita. Divinópolis (MG)



Sendo assim, apesar da tentativa de destruição de conhecimentos outros, mundos outros, fundamentados em outras matrizes filosóficas e ontológicas (GROSFOGUEL, 2016), ainda é possível, como visto no decorrer deste biograma, encontrar rastros de práticas e pensamentos que podem se mostrar muito valiosos para os debates atuais que nos colocam diante de mais um fim de mundo. Como escreve Walter Benjamin (2013), não se trata de definir se o vencedor ficará bem e o perdedor ficará mal, mas entender essa dinâmica de luta constante e, a partir dessa condição, planejar e inventar estratégias. Ora, se imaginamos uma maneira diferente de operar o mundo, estamos, na verdade, contemplando uma derrocada, o fim de um ciclo. E os reinadeiros, assim como grande parte dos povos tradicionais, apresenta outras formas de luta, formas que envolvam resistência e reinvenção, como: lutar brincando, lutar dançando, lutar produzindo o barulho que insiste e resiste em soar. Afinal, não é exatamente isso que o Reinado nos convoca a fazer constantemente?

Por meio de suas performances – danças, cantos e rituais –, o Reinado propõe uma luta que faz celebrações, afirmando a vida em coletividade. Nesse espaço criado com a deformidade do pensamento predominantemente moldado, vêm à luz caminhos que tramam linhas de fuga – que tramam estratégias de envolvimento entre saberes. Menos sobre o espaço físico e mais sobre como esses saberes podem se entrelaçar e até inaugurar outros caminhos: caminhos do meio; visto que não se trata de substituir um conhecimento por outro, mas de descentrar um e colocá-lo em roda, junto com todos os outros que sejam possíveis (SIMAS e RUFFINO, 2018).

Assim como construído na roda da UEMG, vista na figura 2, composta por alunos universitários, professores da faculdade e de outras instâncias como a do Reinado, visto nas figuras dos capitães Adão e Pablo Moreira, seu filho. Como diz Tiganá Santos (2019: 212):

Ao longo da história da filosofia ocidental, em torno da pujança filosófica dos pensadores originários, dentro de discursos vigentes, audíveis, dominantes ergue-se somente na Grécia o que é compreendido, “autenticamente”, como Filosofia. Olúwolé

(2017: 93) argumenta: “O erro no postulado de alguns antropólogos sociais é que ser religioso exclui a possibilidade de ser, ao mesmo tempo, científico, racional e crítico”. Não se chegou, verdadeiramente, ao lugar do outro, conforme ratifica Olúwolé (2017: 165) ao citar a sentença proverbial yoruba: “Uma criança que nunca visitou a fazenda de outro homem considera a do seu pai a maior de todas”

Ao entrelaçarem saberes ancestrais para pensar questões que os implicam individual e coletivamente, os reinadeiros se tornam analistas das forças que a orientam e conselheiros que guiam novos caminhos. Esse e tantos outros modos de olhar e entender o que nos cerca constrói o que podemos chamar de cultura; e cultura, aqui, é entendida como modo de vida, postura sobre o mundo e todas as vidas. Como bem sugere o professor Luiz Antônio Simas (2019: 23), que afirma cultura enquanto “criação e recriação de formas de viver. Cultura é, nessa perspectiva, o conjunto de padrões de comportamento, visões de mundo, elaboração de símbolos, crenças, hábitos e tradições que distinguem determinados grupos sociais”.

Como visto nos fragmentos do cotidiano com o Adão, como quando serve o café para São Benedito antes de qualquer pessoa o beber; reza o Creio em Deus Pai todas as manhãs para fechar o corpo; acende velas para as almas em todas as segundas-feiras; pede licença para entrar em uma morada, seja a casa de alguém, ou arbusto de uma planta para colher seus frutos ou ainda a terra para colher raízes.

Adão habita em uma encruzilhada que é também tecida entre os saberes da ordem hegemônica dominante, Católica-Cristã, e das concepções ancestrais, banto-kongo, que permeiam a convivência com as coisas que estão no mundo. Ambas confluem, transmutam e elaboram a sua experiência, olhar e modo de vida. Isso não isenta as tensões vindas dessa confluência. Mas traduz uma estratégia que trouxe a comunidade até aqui. Entre perdas, mais do que entre ganhos, mas ainda assim em coletivo: em uma comunidade que, pelas brechas, ainda sussurram modos outros de habitar o mundo, ressoando políticas de vidas – vidas estas, encarnadas e plantadas, e vidas outras, ancestralizadas.

Essa filosofia deixada por sua Vó Custódia, assim como tantos familiares e antepassados, guia-se e é guiado para um modo de vida iluminado pelas frestas – semelhante fonte de luz que também ilumina as nações quilombolas, indígenas, caiçaras e outras, as quais valorizam também os saberes que vêm dos seus antepassados vivos e encantados, batem tambores como quem pulsa vida, ritualizam, dançam e fazem festas.

O Adão dança e se presentifica nos entremeios da cosmologia banto-kongo, nas vozes que contam memórias da comunidade, especialmente, no seio dos momentos com sua Vó Custódia, que conduziu, junto com Adão, essa encruzilhada de biografemas cartografados. Pois não há como falar de Adão sem que se visite, pelo menos, algumas das pessoas que protagonizam os seus causos contados ao redor da mesa da cozinha; assim como não há como falar de Adão sem que aborde o seu solidário e gesto do cuidar através da sua fala performada no cotidiano e na reza.

Adão, certamente, é, não apenas um *Nganga* (líder/sacerdote), mas um *Nganga Nkisi*, explicado, belamente, por Bunseki Fu Kiau, nas palavras de Tiganá Santos, como:

Um especialista em cuidar, e tomar sempre conta de mais de um universo, interagindo, sendo *kindoki*. O tradutor-feiticeiro mora, portanto, entre os lugares, e, assim, evoca a ética pensada a partir de *ethos* com o sentido, na língua grega, de ‘morada do ser humano ou do animal’. Ele mora no encontro com o outro e deve disso cuidar. A sentença

proverbal em kimbundu desvela e vela, como a ação feiticeira: ‘Mutu welukila bu dimi dya mukwa – A gente sempre se curou pela língua do outro’. (SANTOS, 2019: 173)

Na língua do outro, pela palavra, seja em reza ou em canto, é soprada uma força vital que surge com esse potencial comunicativo que baila na ressonância de um tempo que é espiralar (presente, passado e futuro se encontram); ou seja, em ritornelo, o corpo que canta, faz a voz acessar heranças que conduzem a saberes de rezas e cantos para a hora que é preciso. Compreendendo que “o tempo não é feito de uma sucessão de passado, presente e futuro, mas de um eterno presente e às vezes também de um eterno retorno, de eternidade e de circularidade. O que já foi continua sendo e volta a ser” (PÁVON-CUÉLLAR, 2022: 55-6). De tal maneira que quando no canto traz o nome dos santos de devoção do reinado, geralmente, São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês e, principalmente, Nossa Senhora do Rosário, busca-se a força deles (sabedoria que vem como intuição); ocorrendo o mesmo com os cantos feitos com nomes de antepassados da família. Em uma reunião no quartel (casa do Adão) registrada em vídeo, com presença de amigos e pessoas da família, Adão nos explica a relação do canto com a força dos antepassados da família.

*Vou te dar um exemplo fácil, fácil. Ocê mora aqui e moram os vizinhos ali. Todo dia eu canto um Ave Maria às seis horas da tarde, ocê pode até me ajudar a cantar também. Eu morro! Seis horas da tarde, se ocê cantar um Ave Maria aqui, o quê que os vizinhos vão pensar? Vão pensar em mim. [...] quando ocê faz o canto que ouviu de um antepassado, ocê vai lá atrás buscar o fundamento deles. [...] ao cantar, ocê tá buscando aquela falange; aquela força dos antepassados vem à tona.*

Após essa fala, Adão compartilhou conosco um dia em que estava trabalhando no Reinado e veio um canto que ele escutou, sendo ainda uma criança bem pequena, na voz do seu tio Zé Moreira Véio, pai da vó Moreira. “Eu alembrei direitinho de ver ele cantar: pau Braúna é madeira de lei, é madeira do Sertão, todo pau é doce, pau Moreira não. [...] a gente sente. Vem na pele. Eu senti. Não tem explicação. Quer dizer: eu fui lá atrás buscar a força, mas não sei o porquê também”. Adão também ressalta que nem sempre esses cantos que vêm na pele ficam na memória para quando se quer, mas principalmente para quando se precisa.

*Eu te falo pra ocê, de um que canto que fiz no dia que a gente tava descendo lá no Pito Aceso<sup>9</sup>, que eu fiz pra São Benedito e que na hora eu achei bonito demais. Na hora eu pensei: eu tenho que gravar esse canto. Ôi, pode me matar. que eu não lembro, mas não lembro o quê que veio! Eu só sei que falava das flores, falava do jardim dele... e até o porquê que a flor dele é amarela eu sabia na hora, agora eu não sei.*

Essas relações que Adão transmite, nos lembra a afirmação de Tiganá Santos (2019: 156): “a movência, as transmutações, o que permanece, o que se desconhece, o que se experiencia, o que se virtualiza, tudo, substanciando e sendo substanciado por essa força, acontece de modo vibrátil”. Ainda segundo o autor, essa vibração é ressoada pelas palavras, gestos, pensamento e instrumentos. É por meio dessa Força Vital, vibração e fé, mediada pelos cantos, rezas, palavras e ritmo, que Adão exerce seu ofício de cuidar, mas também o de capitanear o seu Terno de Moçambique e cumprir, adequadamente, o ritual do Reinado. Por isso, também, o canto e o gesto certo para o momento necessário é sapiência e conexão entre os mundos para um capitão de Reinado que orienta e os caminhos visíveis e invisíveis que seguirão esse ritual. Sobre isso, o filósofo congolês Zamenga B. reitera:

<sup>9</sup> Nome popular dado ao bairro chamado Alto São Vicente, em Divinópolis – Minas Gerais.

O corpo inteiro é emissor e receptor. O que somos, nossos gestos, nossa vibração afetam nosso ambiente e atuam como ondas na água, no oceano. Os choques das nossas vibrações, isto é, nossos gestos, falas, transmitem-se a longas distâncias, ainda mais, por serem munidos de uma potência energética. (ZAMENGA B. *apud* SANTOS, 2013: 157)

Nesse cruzo não é possível estabelecer um ponto de partida e de chegada. As coisas são construídas no movimento da confluência. Mantendo as possibilidades para pensar as noções de espaço e de tempo como movimento de acesso às dimensões entre o terreno e o sagrado. Isso ocorre, também, no sentido que é dado ao ato de abrir um rosário mariano, em que “dá-se a conversão dos espaços cotidianos em espaços sagrados” (MARTINS, 2022: 81).

Em uma das visitas à casa de Adão, ouvimos seu relato emocionado sobre a presença constante de sua avó em suas lembranças e, às vezes, em seus sonhos. Ele conta como ela frequentemente lhe sinaliza algo que deve fazer, geralmente para se proteger, ou para rezar por alguém que está precisando. Adão compartilhou com carinho a última vez que a viu encarnada neste mundo, já hospitalizada.

Conversaram e sorriram juntos. Em dado momento, ela disse que já estava na hora de Adão ir embora. Pediu que ele a colocasse na cadeira de rodas próxima a porta e que ele caminhasse devagar no longo corredor em direção à saída do hospital pra que ela pudesse olhá-lo indo embora.

Alguns passos mais à frente, Adão olhou pra trás e a encontrou olhando-o como quem estivesse lhe abençoando. Quando ele olhou, ela acenou com um movimento delicado de uma mão, como quem diz “até breve”.

A partir daí, “em silêncio, ela [adentrou] em um sono tão profundo, do qual só [acordou] quando [ultrapassou] os limites de um outro tempo, de um outro espaço e se [presentificou] ainda mais velha e mais sábia” (EVARISTO, 2017: 99). Vó Custódia, mulher de olhos de rio, mansos e poderosos. Quando benzia, ela trovejava sussurrando. Agora, habita no entre-mundos encantada.

*Recebido em 2 de setembro de 2025.  
Aprovado em 10 de dezembro de 2025.*

## Referências

- BARROS, Laura P.; KASTRUP, Virgínia. "Cartografar é acompanhar processos". In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020. pp. 52-75.
- BARROS, Leticia M. R.; BARROS, Maria E. B. O problema da análise em pesquisa cartográfica. *Fractal: Revista de psicologia*, 25 (2): 373-90, 2013.
- BARROS, Maria E. B. de; CONDE, Heliana B. R. Biografemas infames – rastros de vidas docentes. *Pro-Posições*, 34 (1): 1-31, 2023.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". In: FERREIRA, Marieta de Moares; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV editora, 2006. pp. 183-91
- COSTA, Luciano Bedin da. *Estratégias biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017
- GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado, Brasília*, 31 (1): 25-49, 2016.
- JUNIOR, Itamar Vieira. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- PAVÓN-CUÉLLAR, David. *Além da psicologia indígena: concepções mesoamericanas da subjetividade*. São Paulo: Perspectiva, 2022.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- SANTOS, Pedrina de Lourdes; OLIVEIRA, Luciana; SANTOS, Antonieta (orgs.). *Eu tenho a África dentro de mim*. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2022.
- SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Busenki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução), USP, 2019.
- SIMAS, Luiz Antônio. *Pedrinhas miudinhas: ensaio sobre ruas, aldeias e terreiros*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

TEDESCO, Silvia H.; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25 (2): 299-322, 2013.

TIZUMBA, Júlia; TIZUMBA, Maurício; MOREIRA, Rosa; PERERÊ, Sérgio. *Herança*. Direção: Grace Passô. Belo Horizonte: Centro Cultural Unimed/BH, 2023.